

REFLEXÕES E DESCOBERTAS NA PAISAGEM DE CEMITÉRIOS URBANOS: UM OLHAR ENTRE MUROS EM CEMITÉRIOS DE JOÃO PESSOA-PB

Kátia Maria Santos de Andrade Pizzol

katiaandrade.pizzol@gmail.com

Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente

RESUMO

A arte funerária reflete a necessidade do homem eternizar sua presença, registrar sua importância na sociedade. Assim, objetiva-se nesse estudo a compreensão da paisagem cemiterial, que reflete a sociedade, a história, a cultura e revela o simbolismo que envolve a representação arquitetônica dos túmulos. Dessa forma estudou-se a forma e a simbologia presentes em dois cemitérios da cidade de João Pessoa. E pode-se verificar que refletem muitos valores do cotidiano das pessoas na forma de encarar a morte. Nesse passeio intramuros encontram-se disputas, segregações, valores que refletem o urbano nessa paisagem silenciosa que muito nos fala, revela encontros, lembranças, atitudes e expressões desse universo intrigante da imortalidade.

Palavras chaves: Paisagem, morfologia e representação.

REFLECTIONS AND DISCOVERIES ABOUT THE LANDSCAPE OF URBAN CEMETERIES: A LOOK AMONG WALLS IN CEMETERIES OF JOÃO PESSOA-PB

ABSTRACT

The funerary art reflects man's need to perpetuate his presence, record its importance in society. Thus, this study aims to understand the cemetery landscape, which reflects the society, history, culture and reveals the symbolism surrounding the architectural representation of the graves. Therefore, the shape and symbolism in two cemeteries in the city of João Pessoa was studied. And it shows us that they reflect many values of people's daily in the way of facing the death. On this tour among walls we found disputes, segregation, values that reflect the urban inside this silent landscape that tells us so much, reveals meetings, memories, attitudes, and expressions of this intriguing universe of immortality.

Keys words: Landscape, morphology and representation,

A PAISAGEM CEMITERIAL

A arte funerária reflete a necessidade do homem de marcar sua existência, eternizar sua presença. Assim, essa arte e todos os ritos religiosos, que envolvem a morte são fundamentais para o homem lidar com esse fato, ajudando a aceitá-la e a conviver com o anseio da imortalidade. A arte funerária expressa também a imortalidade através de materiais perenes, num desejo de eternizar o ato da morte em monumento². A pedra, então, é o material que ressalta este desejo, pois simboliza a vida eterna, através de suas qualidades de permanência, força e integridade. Assim, a pedra que perenizou os monumentos, templos e palácios é reutilizada como elemento fundamental na arquitetura tumular e aprofunda também os valores e a forma de representação da morte.

Na paisagem cemiterial pode-se observar a grandiosidade de um indivíduo, sua importância em uma sociedade, de acordo com a magnitude do seu monumento funerário. Também é através do monumento funerário que se legitimam heróis nacionais, e aprofunda a própria subjetividade, os valores e a forma de encarar a morte.

Recebido em 19/07/2010

Aprovado para publicação em 07/12/2010

² Coube a escultura tumular, em todas as épocas, sempre importante papel, dentro da arte escultórica, servindo por isso de magnífico campo de estudo para apreciadores de grandes artistas que o mundo tem apresentado (VACCANI, 1949, p.138). Embora em algumas sociedades existam outras formas e simbologias de representação da morte onde não são utilizados materiais perenes.

Por outro lado, a sociedade burguesa, ao longo dos anos, registrou sua ascensão e importância na arte funerária, construindo túmulos que refletissem sua importância social. Essa postura foi disseminada pela sociedade para se distinguir dos demais ao adquirir propriedades perpétuas e demonstrar opulência nos túmulos familiares. Assim, buscar a compreensão da paisagem fragmentada do cemitério é tentar entender esse espaço livre público que reflete a sociedade, a história e a cultura. É também descobrir formas que revelam a representação da morte, no universo simbólico da humanidade.

ENTENDENDO A ESTRUTURA TIPOLOGICA E ESPACIAL

O cemitério, a partir do final do século XIX, passou a ser um componente da estrutura espacial do urbano³ e sua organização espacial reflete a morfologia urbana, com uma organização semelhante a quadras, lotes, ruas e construções. Refletem assim, as cidades onde foram sendo construídos.



Foto: Pizzol, 2009

Figura 1 - Cemitério em São João Del Rei – MG



Foto: Pizzol, 2009

Figura 2 - Cemitério em São João Del Rei – MG

Os cemitérios em São Paulo foram construídos, segundo Cymbalista (2002), apenas para depósito dos mortos da cidade, respondendo assim, a proposta do discurso da civilização: extramuros. Apesar de surgirem como uma imposição sanitária legal e política, os cemitérios precisavam também ser legitimados do ponto de vista simbólico, ou seja, representar a memória dos mortos, dos entes que se foram. Assim a arquitetura funerária que estava ausente na representação fúnebre dos mortos sepultados nas igrejas, ganhou espaço nos cemitérios e traduziu na morfologia a religiosidade e a simbologia da sociedade.

O monumento funerário também tem importante papel de legitimar homens, que perderam suas vidas tragicamente no exercício de suas funções. Assim homens que serviram aos seus países, reconhecidos ou não pelo seu nome, mas que morreram cumprindo o seu dever, também são dignos de monumentos (mausoléus). Dessa forma, os monumentos aos mortos espalhados por toda a Europa, relembram o agradecimento da nação ao sacrifício de seus filhos “com a inesgotável memória de seus serviços” (BAUMAN, 2008, p.54).

As pessoas estão sempre em constante mudança de atitudes em relação aos mortos, conforme os desafios que o cotidiano impõe ou de acordo com a capacidade de cada um responder a esses desafios (CYMBALISTA, 2002). Assim a sociedade tem sempre uma postura de deixar os mortos em paz ou estabelecer uma permanente relação com eles e, essas atitudes dependem da cultura a qual esses indivíduos pertencem. Dessa forma, o cemitério passa então a ser nas cidades o local privilegiado de encontros entre mortos e vivos, é um ponto forte nessa interface.

Segundo Borges (2002) a burguesia encontrou nos cemitérios o local apropriado para perenizar o individualismo do homem, rompendo o anonimato e valorizando nesses espaços os túmulos dos que tinham mais recursos. Como exemplo, tem-se a alameda principal do cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro, chamada de ‘Vieira Souto’, onde estão enterrados: o príncipe Sebastião Belford, o Marechal Costa e Silva, Tom Jobim, Carmem Miranda, pessoas que tiveram importância na sociedade brasileira (HÖFKE, 2008).

³ A Lei Imperial de Estruturação dos Municípios de 1º de outubro de 1828, que criou as Câmaras Municipais nas cidades e vilas, atribuiu a ela a reformulação de algumas instituições básicas como escolas, prisões, hospitais e cemitérios (COE, 2006).

Assim, a elite preservará o poder na organização do espaço cemiterial do mesmo modo como se deu a organização social no espaço urbano. Esta questão pode ser demonstrada por Cymbalista (2002) quando afirmou que o regulamento dos cemitérios da capital paulista, de 1856, no seu artigo 7º vetava a construção de monumentos nas áreas reservadas as classes mais pobres.

Para entender então, a paisagem cemiterial, é necessário reconhecer como se apresenta a estrutura física desses espaços, para depois entender sua simbologia. Hoje no Brasil temos a seguinte tipologia (Resolução CONAMA nº 335/2003):

- Cemitério horizontal, localizado em área descoberta compreendendo os tradicionais e o do tipo parque ou jardim;
- Cemitério parque ou jardim, predominantemente recoberto por jardins, isento de construções tumulares, com sepulturas identificadas por lápides de pequenas dimensões ao nível do chão;
- Cemitério vertical, edifício com um ou mais pavimentos dotados de compartimentos destinados aos sepultamentos; e
- Cemitério de animais, destinados ao sepultamento de animais.

Quanto aos jazigos Borges (2002), considera a seguinte tipologia na região de Ribeirão Preto, em São Paulo: jazigos capela, túmulos monumentais, túmulos porte médio e túmulos simples.

- Jazigos capela – representado por pequena capela, construída em cemitério ao ar livre, com sepultura subterrânea abrigando mortos de uma mesma família.
- Túmulo monumental – construção que se assemelha aos monumentos construídos na Primeira República pelo Estado. Caracteriza-se pela grandiloquência, qualidade artística, decoração apurada.
- Túmulos porte médio – túmulos de porte mediano que exibem decoração com certo gosto artístico.
- Túmulos simples.

Também em relação aos jazigos Lima (1993) considera três categorias: túmulos, ossários e mausoléu.

- Túmulos – onde são realizados um ou mais sepultamentos primários, ou seja, dispostos os corpos articulados de um ou mais indivíduos.
- Ossários – é o jazigo onde foram realizados um ou mais sepultamentos secundários, isto é, onde são dispostos os ossos desarticulados de um ou mais indivíduos, após o processo de decomposição. Normalmente são usadas urnas. Essas sepulturas em relação à forma, não comportam o corpo distendido.
- Mausoléu – comporta tanto sepultamento primários como secundários, em caixão ou urnas, de vários indivíduos pertencentes a uma mesma família, grupo, organização ou entidade religiosa ou civil. Em relação à forma é uma edificação de grande porte, com características de suntuosidade e monumentalidade.

Os mausoléus podem ser caracterizados em dois subgrupos:

- Capelas - edificações com arquitetura eminentemente religiosa reproduzindo uma pequena igreja;
- Monumentos – não existe vinculação religiosa.

Temos também a classificação da Santa Casa de Misericórdia, no Rio de Janeiro que considera as sepulturas como:

- Mausoléus – são grandes construções;
- Carneiros – são túmulos que sepulta e recolhe os restos mortais;

- Jazigos – quase metade do tamanho dos carneiros e que recebem os restos mortais;
- Ossários – nichos para os restos mortais com dimensão de 0,65 m x 0,30m x 0,30m;
- Gavetas.

MUNICIPALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS DOS MORTOS NA CIDADE DOS VIVOS

A retirada dos mortos do espaço cotidiano dos vivos foi uma das grandes transformações do século XIX nas cidades brasileiras. A partir de 1850, estimulado pelo pavor do contágio causado pelas epidemias, vão se encerrando os enterramentos nas igrejas (CYMBALISTA, 2002). Essa mudança foi apoiada no Brasil pela Igreja Católica que via no cemitério municipalizado o enfraquecimento do poder das Irmandades e a centralização do poder religioso. Essas irmandades eram contra a implantação dos cemitérios porque eram financiadas pelas contribuições para a viabilização dos sepultamentos.⁴ A capacidade de pressão dessas Ordens pode ser avaliada no texto de uma Lei Imperial de 1843:

As Ordens Religiosas e Irmandades desta Corte podem estabelecer cemitérios fora da cidade, havendo prévia licença do governo. Ficam suspensas as leis de amortização para que as sobreditas corporações possam adquirir por qualquer título os terrenos que forem precisos para os seus cemitérios; e a aquisição destes terrenos não é sujeita ao pagamento de *sisa* (GUEDES, 1986, p.75).

A tensão entre as irmandades religiosas (irmandades e ordens terceiras) e o poder público vai sendo amenizada à medida que as mesmas são autorizadas a construir seus próprios cemitérios, geralmente adjacentes aos cemitérios públicos. Em São Paulo, a Ordem Terceira do Carmo, em 1868, inaugurou seu cemitério junto ao cemitério Público da Consolação (CYMBALISTA, 2002). A partir de 1870, intensifica-se no Brasil o processo de secularização do cemitério, retirando completamente a gestão dele da igreja, mas só em 1889, com a proclamação da República e em 1891 com a promulgação da Constituição⁵, se dá a efetivação dessa gestão pelo Estado (GUEDES, 1986). A secularização e a municipalização dos cemitérios impõem às cidades a garantia de sepultamento a todos os cidadãos, independente de religião, etnia ou posição social. Esses cemitérios municipais deveriam ter inclusive um espaço reservado (custeado pelo poder público) para sepultamento de indigentes.

Assim, o regulamento dos cemitérios da cidade de São Paulo no seu artigo 3º tratava o seguinte: “a Câmara Municipal designará o número de quadrados ou quadrilongos, que se destinarão para sepulturas gerais e os que podem ser vendidos para jazigos particulares das confrarias, corporações religiosas e famílias” (CYMBALISTA, 2002, p.63). As sepulturas gerais são aquelas que pertencem ao poder público, e são cedidas por tempo determinado, após o qual os restos são desenterrados e os lotes reutilizados.

Nesses lotes podiam ser colocadas apenas grades e cruzes de madeira. Nos lotes permanentes, ou seja, nos comprados podem ser construídos monumentos. Reafirmando assim, a hierarquia social dentro do território dos cemitérios. Em João Pessoa a construção do primeiro cemitério denominado Senhor da Boa Sentença, inicia-se em 1853, quando termina o enterramento em torno da igreja da Misericórdia, de propriedade da Santa Casa (SEIXAS, 1987). Em 1855 o cemitério foi regulamentado pela Lei nº. 33, de 04 de dezembro de 1855⁶, sendo administrado pela Santa Casa e consta na planta da cidade em 1885, que na época se chamava Parahyba⁷, conforme figura 3.

⁴ Em 1836, aconteceu em Salvador um movimento chamado *cemiterada*, que consistiu na revolta contra a obrigação do enterramento nos cemitérios públicos. Esse movimento era liderado pelas irmandades e ordens terceiras que depredaram o cemitério prestes a ser inaugurado (CYMBALISTA, 2002).

⁵ A Constituição de 1891 foi a primeira Constituição republicana, com ela tem-se a separação entre a igreja e o Estado, e o monopólio de registros civis passou para o Estado, sendo criados os cartórios para os registros de nascimento, casamento e morte, bem como os cemitérios públicos, onde qualquer pessoa poderia ser sepultada, independentemente de seu credo (CONSTITUIÇÃO, 1889, art.72).

⁶ Em 1855 o cemitério da capital, foi orçado em 7.100\$000 e foi contratada a construção. Sua localização ficou numa região que chamavam de Matinha (LEAL, 1965).

⁷ A cidade de João Pessoa recebeu quatro denominações antes do seu nome atual: Nossa Senhora das Neves, Filipéia de Nossa Senhora das Neves, Frederikstadt e Parahyba.

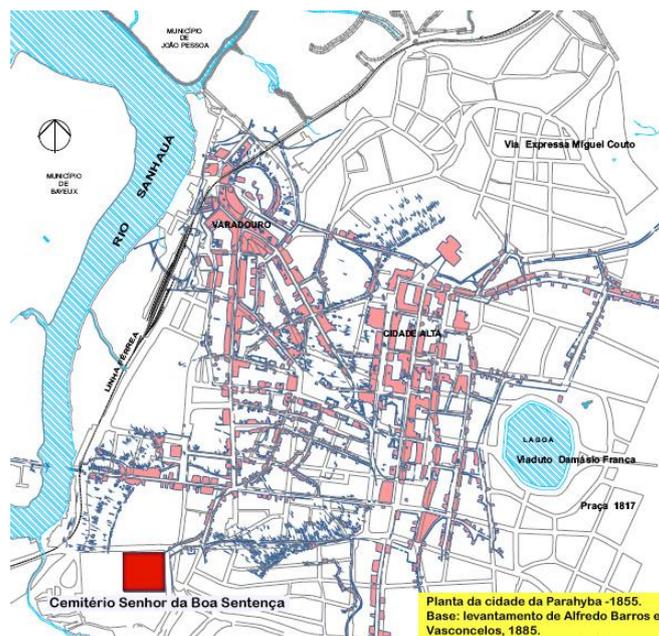


Figura 3 - Planta da cidade de João Pessoa
Fonte: Pizzol, 1982; Plano de Ação para Cidades Históricas, IPHAN 2010

Os recursos na maioria das cidades brasileiras para investimento em cemitérios eram escassos e as cidades foram se organizando da melhor forma para estabelecer espaços que garantissem a questão sanitária. Porém esses espaços precisavam ser legitimados também do ponto de vista simbólico: ser um local das memórias dos entes que se foram.

Atualmente o município de João Pessoa apresenta na sua estrutura urbana seis cemitérios públicos e dois cemitérios-parques privados, cuja localização acompanha a direção do crescimento da malha urbana. O cemitério Público Senhor da Boa Sentença, que até a década de 1930 era administrado pela Santa Casa de Misericórdia, está localizado no bairro do Varadouro, possui uma área de 60.000 m², com aproximadamente 12.000 túmulos fixos e 5.000 ossários e uma capela para cultos ecumênicos. O cemitério do Cristo, localizado no bairro do Cristo Redentor, foi construído na década de 1970, é um dos mais novos cemitérios⁸ de João Pessoa. Com uma área de 26.656 m², conta com uma capela e duas salas para velórios. Até a década de 1990 o cemitério atendia apenas aos bairros do Rangel e Cristo, mas atualmente atende a vários bairros.

O cemitério público Santa Catarina está localizado no Bairro dos Estados, tendo sido construído em outubro de 1959. Com uma área de aproximadamente 9.522 m², o cemitério conta com 1.349 covas perpétuas e 1.175 covas rotativas, com aproximadamente 600 ossários. Também dispõe de ruas internas de acesso com pavimentação e placas de localização, bem como uma capela na entrada pela rua principal, uma área para administração, uma pequena área para velório.

O cemitério público São José localiza-se na Avenida Cruz das Armas s/n, no bairro de Cruz das Armas, foi construído na década de 1950 e não existe capela como é comum na maioria dos cemitérios. O cemitério compreende uma área de 16.734 m², atualmente tem 1.395 covas perpétuas e 1.175 covas rotativas. Como o cemitério está quase atingindo a sua capacidade máxima, em agosto de 2002, foi ampliado para solucionar a problemática da falta de espaço (PMJP, 2008).

⁸ Em setembro de 2007, a Prefeitura Municipal iniciou a construção de 560 novos túmulos verticais e 468 novos ossários. Os túmulos foram construídos com uma inclinação de cinco graus para que o necrochorume escoe para a parte traseira do túmulo que é impermeabilizada com concreto, o que evita a contaminação do solo. Tais procedimentos estão de acordo com que estabelece a Resolução nº 335 – CONAMA (ALBUQUERQUE, 2008).

O cemitério São Sebastião localiza-se no bairro Valentina Figueiredo, tendo sido construído em 1951, com uma área de 1.250 m² com uma pequena capela e uma sala de velórios. Na época da sua construção o entorno era formado apenas por granjas e sítios. Os túmulos em sua maioria são simples, sendo alguns identificados apenas com uma cruz. O cemitério Nossa Senhora da Penha está localizado no bairro da Penha, tendo mais de 100 anos de fundação. Possui uma área de 1.332 m² e localiza-se ao lado da igreja do mesmo nome.

Os cemitérios parques encontrados na cidade de João Pessoa são privados e a maior parte dos sepultamentos são de pessoas das classes média e alta porque é cobrado uma taxa de manutenção. Atualmente são encontrados o cemitério Parque das Acácias no bairro José Américo, construído em 2001, com 25 hectares e o cemitério Jardim das Mangabeiras, no bairro de Mangabeira II, com 12 hectares e inaugurado em 2006.

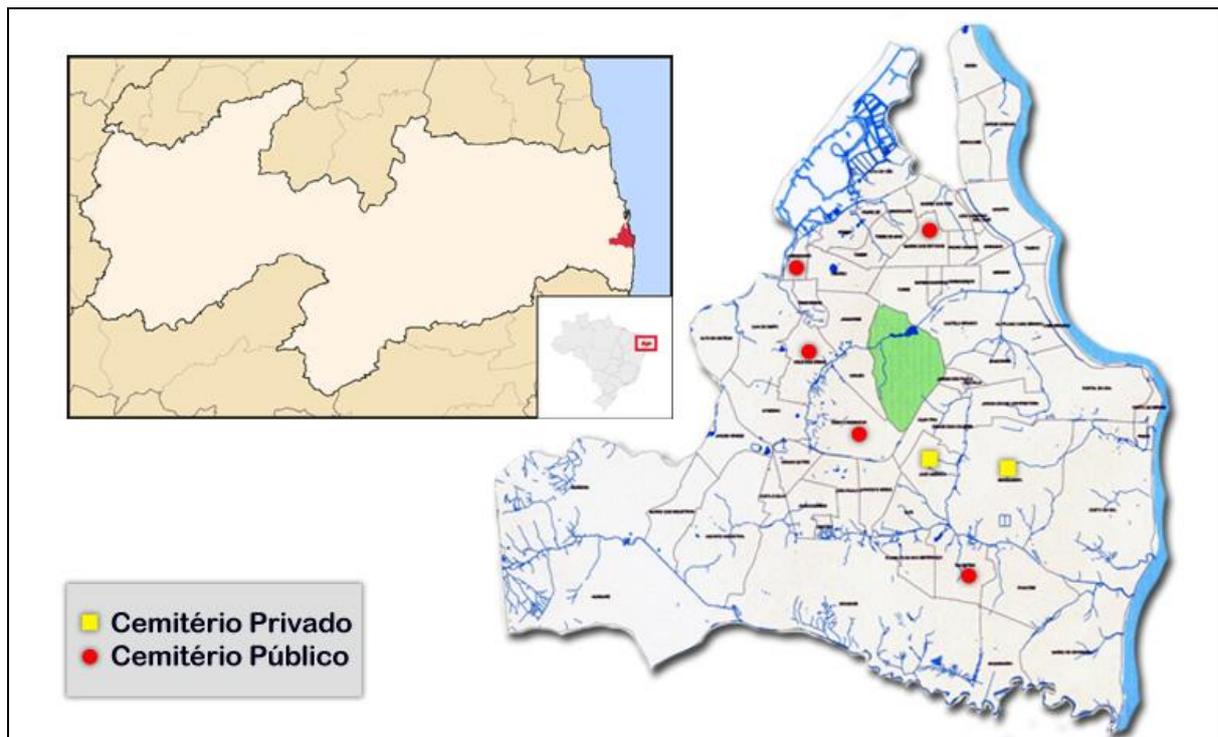


Figura 4 - Município de João Pessoa com cemitérios estudados

Fonte: PMJP, 2010; http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Paraiba_Municip_JoaoPessoa.svg

UM OLHAR ENTRE MUROS

Apropriado o cemitério qual seria a forma que se representaria a memória dos mortos? Quais são as possibilidades de representação e construção dos túmulos? Assim o cemitério público loteado como a cidade dos vivos traz uma nova leitura e representatividade da morte, pois cada família tem o dever de dar a representação fúnebre de seus mortos.

A arquitetura passa a contribuir com esses atributos através da forma, escultura e decoração dos túmulos. E a cidade é refletida então, na paisagem cemiterial através de suas ruas entre túmulos e na arquitetura tumular que produz identificação e diferenças, trazendo à tona a leitura do cotidiano urbano da cidade dos vivos. Assim, a arquitetura funerária que estaria ausente na representação fúnebre (individual ou familiar) nos túmulos dos mortos sepultados nas igrejas, onde eram vetadas pela legislação eclesiástica, traz à tona um campo simbólico que dá ao cemitério uma paisagem cultural rica em formas e através das tipologias dos túmulos, pode-se muitas vezes conhecer a vida dos personagens ou a época em que viveram⁹.

⁹ Existia uma multa para aqueles que sobre as sepulturas não respeitassem as normas e colocassem túmulos de pedra ou madeira. Não podiam também ter inscrições com o nome de Jesus ou de Nossa Senhora, nem de cruzes, nem de imagens de anjos (CYMBALISTA, 2002).

O túmulo passa a ser um símbolo entre eles e os familiares. Reflete valores, sentimentos de pessoas, famílias ou grupos. Assim, a forma dos túmulos reflete muito da vivência simbólica do cotidiano dos cidadãos.

Nesse sentido, busca-se refletir um pouco sobre a paisagem dos cemitérios Senhor da Boa Sentença e Cristo Redentor¹⁰, da cidade de João Pessoa, tendo como base a simbologia e a morfologia construída por Cymbalista (2002) em cemitérios da cidade de São Paulo.

Do ponto de vista simbólico, isto é, a intenção que os familiares representam a sua relação com seus mortos tem um campo muito vasto. Essa simbologia pode se apresentar através da religiosidade, monumentalidade, domesticidade e humildade.

No campo da morfologia os túmulos apresentam características específicas e combinadas com as representações simbólicas, resultam formas que podem criar um entendimento dos diferentes papéis, culturas, religiosidade e outros estudos através da representação arquitetônica dos túmulos.

MONUMENTALIDADE

Na saída do território da igreja, a monumentalidade vetada nos túmulos, pode agora ser concretizada nos cemitérios. Segundo Valadares (1972) não foi apenas a questão higiênica que levou a sociedade a construir cemitérios, mas a vontade da afirmação burguesa que queria demonstrar seu poder e prestígio. A classe burguesa estava disposta a eternizar seus familiares com obras tumulares, investindo dessa forma seu capital. Assim a apropriação dessa monumentalidade ficará mais concentrada nas elites e o desenho dos cemitérios dará mais visibilidade às construções das famílias mais abastadas.

Geralmente a disposição territorial nos cemitérios apresenta um uso específico para indigentes (gratuito), sempre em área de menor visibilidade e com edificação restrita. E outro espaço onde se permite a monumentalidade nas concessões pagas em áreas cujas localizações vão ser disputadas pelas famílias mais poderosas das cidades. Assim, o desenho dos cemitérios reflete como nas cidades a regulamentação entre as distinções territoriais, criadas pelo poder público (figuras 5 e 6).



Figura 5 - Alamedas principais no cemitério
Senhor da Boa Sentença
Foto: Oliveira e Tribuzi, 2007



Figura 6 - Alamedas de menor visibilidade no
Cemitério Cristo Redentor
Foto: Oliveira e Tribuzi, 2007

Essa simbologia também é dada aos indivíduos que se distinguem na sociedade, como heróis e personalidades notáveis, e dessa forma ajudam, através de seus túmulos monumentais a construir a história. Essa monumentalidade pode ser vista também nos investimentos dos portões de entradas, alamedas centrais e implantação urbanística dos cemitérios¹¹, conforme figura 7.

¹⁰ O cemitério localizado no bairro do Cristo foi escolhido por se tratar do mais recente cemitério público implantado na capital, no ano de 1970, em função da crescente demanda e do crescimento da cidade no sentido sul-sudeste.

¹¹ Quase sem exceção, a partir de 1930 as cidades monumentalizam as entradas e os acessos dos cemitérios, segundo linguagens e estilos diversos (CYMBALISTA, 2002).



Figura 7 - Portão principal do cemitério Senhor da Boa Sentença
Foto: Oliveira e Tribuzi, 2007

RELIGIOSIDADE

A religiosidade está presente nos cemitérios mais especificamente nas referências cristãs. Podem-se observar cruzes, imagens de santos, altares, relicários e também a presença de capelas e santuários. Geralmente a religiosidade católica é mais acentuada, embora outras manifestações religiosas estejam presentes.

O simbolismo religioso permanece nos cemitérios municipais. Os ritos fúnebres também permanecem e os cemitérios passam a ser um dos locais sagrados da cidade. Essa questão pode ser percebida na forma de representações dos túmulos (figuras 8 e 9).



Figura 8 - Simbolismo religioso
Foto: Oliveira e Tribuzi, 2007



Figura 9 - Simbolismo religioso com a presença de imagens Foto: Oliveira e Tribuzi, 2007

DOMESTICIDADE

A visão sanitária não aprovava a convivência entre vivos e mortos e também na sociedade mais abastada crescia uma nova afetividade em relação aos seus familiares através da delimitação espacial da família nuclear. Segundo Cymbalista (2002), as famílias brasileiras passaram a se scandalizar com a mistura de cadáveres nas mesmas covas e com a impossibilidade de identificação e reconhecimento.

Agora, queria-se não só que se voltasse ao lugar exato onde o corpo havia sido colocado, mas também que esse lugar pertencesse, como propriedade exclusiva, ao defunto e sua família. Foi então que a concessão da sepultura tornou-se uma certa forma de propriedade, subtraída ao comércio mas com perpetuidade assegurada (ÁRIES, 2003, p.46).

A cidade passa então a ver o cemitério de uma forma diferenciada, pois acrescido das características higiênicas, monumentais e religiosas, passa a ter também um significado afetivo, se insere nas demandas urbanas e conquista um espaço no organismo urbano. Assim, o símbolo da moradia vai ocupando a representação dos túmulos nos cemitérios, através das edificações em forma de casa, na inserção de mobiliário e muitas vezes de objetos de uso pessoal como roupas, chupetas, peças de decoração, brinquedos, bandeiras de times e outras (CYMBALISTA, 2002).



Figura 10 - Muro e portão
Foto: Oliveira e Tribuzi, 2007

HUMILDADE

A humildade surge como símbolo oposto à monumentalidade. Essa representação esteve presente simultaneamente com a monumentalidade na saída dos enterramentos para os cemitérios (CYMBALISTA, 2002).



Figuras 11 e 12 - Humildade em classes sociais diferentes
Foto: Oliveira e Tribuzzi, 2007

A horizontalidade e a simplicidade dos túmulos caracterizam essa representação que ganha espaço no século XX, não mais por humildade, mas por um novo conceito em relação à morte¹². Os novos cemitérios parques sem simbolismo, apenas com placas de identificação reforçam essa tendência. Esse novo conceito surge, na década de 1960, em São Paulo, onde são construídos cemitérios ajardinados, ecumênicos, onde os jazigos não apresentavam simbologias (monumentalidade, religiosidade, domesticidade), sendo na sua maioria de origem privada. Em João Pessoa, esse tipo de cemitério teve início no final do século XX e também são privados¹³.

A FORMA DAS REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS

As representações relacionadas à monumentalidade, religiosidade, domesticidade e humildade na paisagem dos cemitérios proporcionaram formas que Cymbalista (2002) classificou em

¹² Essa nova representação atende ao novo conceito da morte. Segundo Áries (2003) ela é o grande tabu da humanidade, algo inominável e por isso deixa de ser representada pela arquitetura.

¹³ Anteriormente houve uma iniciativa pública de cemitério jardim, mas a área foi invadida por moradores de baixa renda (às margens da via Tancredo Neves, eixo de crescimento do litoral no sentido norte).

algumas categorias, que também foram encontradas nos cemitérios estudados como: altares, torres e obeliscos, cruzes e capelas, casas, jardins e flores.

Essa morfologia proporciona o conhecimento das convivências, tradições e contradições presentes no imaginário de quem constrói esses espaços, que formam a paisagem entre muros e revela muitos aspectos culturais da sociedade local.

ALTARES

Em relação aos diferentes espaços internos das igrejas, os altares são os mais representativos, podendo ser do tipo altar-mor, dedicado ao padroeiro da igreja e o altar menor dedicado a outros santos, sendo que esses últimos podem ser dedicados a santos cultuados pelas irmandades (CYMBALISTA, 2002).

Esta forma de representação aparece com grande frequência nos dois cemitérios estudados. Esses altares além do caráter religioso têm como característica a busca da monumentalidade, através das alturas.



Figura 13 - Altar
Foto: Oliveira e Tribuzi, 2007

A presença constante de imagens de santos nos cemitérios da capital traduz a variação das crenças e devoções, características da religiosidade brasileira.

CRUZES

A cruz desde a idade Média sinalizava o marco de referência da presença dos mortos. Através dos séculos, a cruz de madeira fincada na terra ou segura por montes de pedras foi utilizada como sinalizador do lugar de descanso dos mortos ou entes queridos. No Brasil, segundo Freyre (1999) a cruz fincada na terra caracterizava também a sepultura dos indigentes e representa a discriminação social nos cemitérios. Hoje essa mesma modalidade (cruz fincada na terra) marca os locais das sepulturas dos indigentes e de classes de menor poder econômico, e representa a discriminação social em relação às quadras monumentalizadas dos cemitérios.



Figura 14 - Cemitério do Cristo Redentor
Foto: Oliveira e Tribuzzi, 2007

Elas aparecem de formas diversas: horizontalmente, verticalmente, transversalmente, bidimensional. Os materiais utilizados são mármore, madeira, cerâmica e metal, podendo também ser representadas com canteiros de plantas. Nas últimas décadas do século XIX, essas cruzes procuravam evocar a humildade através das cruzes esculpidas em mármore (CYMBALISTA, 2002).



Figura 15 – Cruz horizontal
Foto - Oliveira e Tribuzi, 2007

Alguns cemitérios têm também, em posição privilegiada, um cruzeiro chamado de “cruz das almas” onde são acessas velas para os mortos.

CAPELAS

No Brasil, as capelas chegaram algumas décadas após se espalharem na Europa, geralmente em túmulos de imigrantes que enriqueceram (CYMBALISTA, 2002). Essas capelas representam, além da religiosidade, aspectos de monumentalidade e sua forma é estabelecida conforme a família a qual pertence.

No cemitério Senhor da Boa Sentença podem ser encontrados exemplares dessa morfologia, principalmente em túmulos de famílias de maior poder aquisitivo, políticas ou tradicionais.



Figura 16 – Túmulo capela - Cemitério Senhor da Boa Sentença
Foto: Oliveira e Tribuzi, 2007

TORRES E OBELISCOS¹⁴

A verticalidade também está presente na representação tumular e na busca da monumentalidade, desde o final do século XIX. Essa forma de representação busca a monumentalidade, evocando a individualidade e o heroísmo do morto.

¹⁴ “Monólito por vezes de grande porte e peso descomunal, sempre de fino talhe e podendo ostentar cuidadas inscrições ou baixos relevos, o obelisco aspira longa duração”. Esses obeliscos inicialmente foram extraídos e lapidados nas pedreiras de Assuã, e desciam Nilo abaixo para adornar a céu aberto, templos e necrópoles egípcias. Estavam relacionados a aspectos religiosos e celebrativos (MARX, 2008, p.33).



Figura 17 - Obelisco
Foto: Oliveira e Tribuzi, 2007



Figura18 - Torre
Foto: Oliveira e Tribuzi, 2007

As torres e os obeliscos, apesar de terem algumas referências sacras são representações um pouco mais distantes das tradições religiosas.

CASAS

As casas aparecem com intensidade no início do século XX, trazidas sobretudo pelos imigrantes. O nome da família era uma das preocupações do imigrante europeu no Brasil. Essas casas de alvenaria, com janelas, portas, vidros, ladrilhos, cortinas, altares, estuque, jarros, castiçais, altares e retrato dos mortos, retratam o mais importante, o zelo e a afetividade, nunca em fria e rápida visita ao túmulo, mas dentro do hábito tradicional próprio do sul da Itália, do culto do convívio com os defuntos da família (VALADARES, 1972).

As casas representam então o fortalecimento das representações da família e delimita nos cemitérios públicos, um espaço privado destinado apenas à família e convidados.



Figura 19: Túmulos casa
Foto: Oliveira e Tribuzi, 2007

FLORES

As flores acompanham, na sua forma natural, os mortos no Brasil até hoje no século XXI. Elas foram representadas em diversas formas, segundo Moura (1993), já foram feitas em porcelanas sendo trazidas no dia de finados para os cemitérios, para enfeitar os túmulos, posteriormente foram confeccionadas em metal e depois em plástico. No final do século XIX e início do XX se apresentaram nos túmulos esculpidos em mármore. Na verdade elas estão sempre presentes nos túmulos e hoje nos cemitérios parques fazem parte da urbanização dos mesmos. No cemitério Senhor da Boa Sentença encontramos também representadas em alvenaria e reboco (figura 20).



Figura 20 – Representação das flores
Foto: Oliveira e Tribuzi, 2007

JARDINS

Desde o início nos cemitérios municipais, a vegetação era tratada como elemento plástico. Em São Paulo o Regulamento do Cemitério da Consolação (1856) incorporou esses elementos no seu artigo 7º. Ele determinava que nos terrenos concedidos por tempo superior a cinco anos, era permitido plantar arvoredos e flores, desde que se adequasse ao plano geral do cemitério (alinhamento, plantio de árvores e condições sanitárias).

Essa morfologia geralmente é usada como reforço à monumentalidade de alguns túmulos. Outra forma de utilização da vegetação é completando o desenho dos túmulos, como canteiros, bordaduras ou gramados (ressaltando os túmulos).



Figuras 21 e 22 – Túmulos jardins
Foto: Oliveira e Tribuzi, 2007

Outro uso da vegetação é como elemento decorativo e paisagístico nas alamedas do acesso principal.



Figura 23 - Alameda principal cemitério Senhor da Boa Sentença
Foto: Oliveira e Tribuzi, 2007

A NOVA FORMA

A partir de 1960, em São Paulo, começam a ser inaugurados cemitérios totalmente diferentes, ajardinados e ecumênicos. Os jazigos não apresentam manifestações figurativas da monumentalidade, religiosidade e domesticidade e, portanto sem a utilização da arquitetura. Esses cemitérios são na maioria privados e trazem uma nova maneira urbanística de tratar a presença da morte (Cymbalista, 2002).

Em João Pessoa, a figura dos cemitérios parques surgiu no final do século XX, de iniciativa privada, na área sul da cidade, acompanhando dessa forma o crescimento e a expansão urbana. Como exemplo tem-se o cemitério Parque das Acácias criado em 2001, pela iniciativa privada, no bairro do conjunto José Américo, zona sul da cidade. Tem 'área de 250.000 m², com estacionamento, segurança 24 horas, lanchonete, floricultura e salas de velório com suítes de repouso e atualmente tem 1400 jazigos e capacidade de expansão de 10.000 túmulos. Seus jazigos são padronizados, com apenas uma lápide em granito na horizontal. Assim as representações ficam limitadas apenas pelas disputas das melhores localizações¹⁵.

Assim, o poder público quando produz espaços urbanos pode operar como elemento fundamental na apropriação do espaço pela sociedade. Nesse caso, contribui através da regulamentação e monumentalização dos espaços intramuros. Constrói dessa forma, um território mineralizado de visibilidade que reflete a mesma apropriação da cidade extramuros. A tipologia encontrada nos cemitérios locais mostra a busca da representação adequada da morte no mundo das formas, através da arquitetura funerária (escultura, decoração e outras) e um catálogo das representações arquitetônicas e influências da cultura local, dos diferentes ritmos históricos e do poder econômico.

Os lugares reservados aos mortos em uma sociedade reproduzem o mundo dos vivos, estando ambos conduzidos pela mesma lógica de organização, os cemitérios foram estendidos como um lugar de repetição simbólica do universo real (HÖFKE, 2008, p. 278).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O progresso humano está relacionado a alterações dos elementos naturais para a implantação do elemento humano, da "civilização". O ser humano depende do mundo natural para sua sobrevivência e o entendimento dessa relação é fundamental para a qualidade do ambiente das cidades. Os cemitérios municipalizados nos espaços tumulares também refletem a mineralização na sua paisagem, influenciados pelo capital comercial e industrial, reproduzindo assim, no território entre muros a cidade dos vivos.

Posteriormente, os cemitérios jardins, recriam a paisagem, inserem a vegetação como elemento predominante e refletem uma nova forma de encarar a morte. Tornam-se elementos de valorização dos elementos naturais e também um elemento para a sustentabilidade do capital, pois é um bem comercial que o capital pode explorar.

No campo da paisagem urbana e da qualidade do ambiente os cemitérios jardins são benéficos e também no campo social, pois as disputas são apenas pelas melhores localizações no solo loteado. Quando privados, segregam espaços pelo poder econômico e refletem novamente as cidades dos vivos, excluindo os menos favorecidos economicamente.

Dessa forma, não se tem a intenção de produzir conclusões, mas de propiciar diálogos sobre esses espaços e o seu entorno. Como conceber essa nova forma de paisagem, de diferentes atitudes que o cotidiano impõe? Como estabelecer a preservação da cultura dos outros mortos que não acessam esses espaços ajardinados? Como evitar a utilização dos espaços nessa nova cultura urbana? Como estabelecer a continuidade do diálogo, das lembranças e valores da sociedade?

Buscar a compreensão da paisagem cemiterial é perceber que as atitudes em relação aos mortos vão depender da cultura a qual pertencem.

¹⁵ Na alameda principal do cemitério São João Batista (Rio de Janeiro) estão enterradas pessoas de notoriedade da sociedade brasileira, como presidentes, políticos e artistas (HÖFKE, 2008). Em João Pessoa, no cemitério Senhor da Boa Sentença também estão em locais de destaques os túmulos de governadores e políticos paraibanos.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, F.A.C. **Os Cemitérios públicos na cidade de João Pessoa – PB**. Monografia (Graduação em Geografia). Departamento de Geociências, Universidade Federal da Paraíba. Centro de Ciências Exatas e da Natureza. Departamento de Geociências. Curso de Geografia.
- ÁRIES, P. **História da Morte no Ocidente** - Da Idade Média aos Nossos Dias. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BAUMAN, Z. **Medo Líquido**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BORGES, M. E. **Arte Funerária no Brasil (1890 a 1930)** – Ofício de marmoristas Italianos em Ribeirão Preto. Belo Horizonte: C/ Arte, 2002.
- BRASIL. Constituição (1891). **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil** (de 24 de fevereiro de 1891). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Constituicao91.htm. Acesso em 10 de março 2010.
- COE, A. J. H. **O Discurso Médico de Transferência dos Enterramentos das Igrejas para os Cemitérios em São Luís (1820-1860)**. In: Usos do passado. XII Encontro Regional de História. Rio de Janeiro, 2006.
- Conselho Nacional do Meio Ambiente - CONAMA, 2003. **RESOLUÇÃO CONAMA nº. 335, de 3 de abril de 2003** . Dispõe sobre o licenciamento ambiental de cemitérios. Publicada no DOU nº. 101, de 28 de maio de 2003, Seção 1, páginas 98-99.
- CYMBALISTA, R. **Cidade dos vivos: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do estado de São Paulo**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2001.
- FREIRE, G. **Casa-grande e senzala**. 35.ed. Rio de Janeiro:Record,1999.
- GUEDES, S.P.L.C. **As atitudes perante a morte em São Paulo**, 1986. Dissertação (Mestrado em História)-FFLCH-US, 1986.
- IPHAN. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Planos de Ação para as Cidades Históricas. João Pessoa – PB, 2010.
- HÖFKE, T. F. Paisagem do Silêncio: Reflexões sobre o simbolismo na arte funerária. In: TERRA C. G.; ANDRADE, R.O. (Org.). **Coleção Paisagens Culturais**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes, 2008. p.276-288.
- JOÃO PESSOA. **Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano – SEDURB**, 2007.
- _____ **Secretaria Municipal de Planejamento – SEPLAN**, 2010.
- LEAL, J. **Itinerário da História** (Imagem da Paraíba entre 1518 e 1965). João Pessoa: Gráfica Comercial LTDA, 1965.
- LIMA, T. A. **De morcegos e Caveiras a cruces e livros: a representação da Morte nos cemitérios cariocas do século XIX**(estudo de identidade e mobilidades sociais). In: Anais do Museu Paulista de História e Cultura Material. V.1(annual). São Paulo: O Museu, 1993.
- MARX, M. A Sombra do Obelisco. In: TERRA C. G.; ANDRADE, R.O. (Org.). **Paisagens Culturais: contrastes sul-americanos**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Belas Artes, 2008. p.33-36.
- MOURA, C.E.M. **Os Galvão de França no povoamento de Santo Antonio de Guaratinguetá**. 3.ed. São Paulo: Edusp,1993.
- OLIVEIRA, W.; TRIBUZI, R.P.L. **O processo de inserção dos cemitérios no cenário urbano**. Estágio Supervisionado V, 2007. Departamento de Arquitetura, UFPB. João Pessoa, 2007.
- PIZZOL, K. M S. A. **Uso do solo em João Pessoa**. Monografia de Graduação, 1982. Departamento de Arquitetura, UFPB. 1982.
- SEIXAS, W. N. **Santa Casa de Misericórdia – 385 anos**. João Pessoa: Gráfica Santa Marta, 1987.

VACCANI, C. **Rodolpho Bernardelli**: Vida artística e características de sua obra escultórica (tese de concurso para provimento da cadeira de escultura da Escola Nacional de Belas Artes da Universidade do Brasil). Rio de Janeiro: ENBA/UB, 1949.

VALLADARES, C. P. **Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros**. Brasília: MEC-RJ, 1972.